

DÉRRICK PATRICK ARTIOLI

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

GLADSON RICARDO FLOR BERTOLINI

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná,
UNIOESTE, Cascavel, PR, Brasil.*

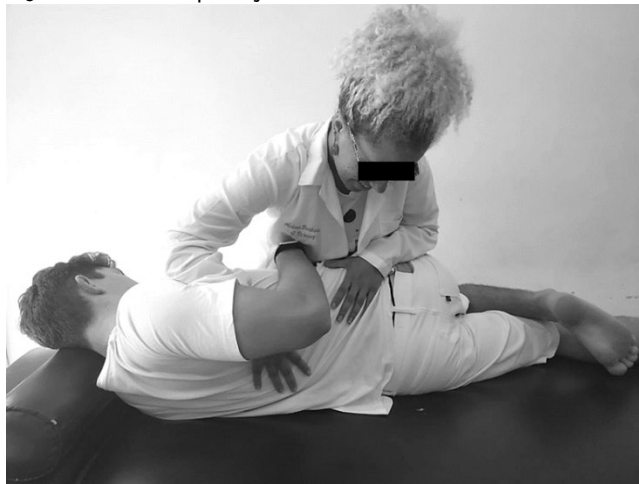
*Recebido em setembro de 2020.
Aprovado em dezembro de 2020.*

O USO INDISCRIMINADO DE MANIPULAÇÕES ARTICULARES

No passado a aplicação de técnicas articulares era baseada em fundamentos empíricos, praticada sem evidências científicas que comprovassem sua eficácia e por isso, passou a ser vista como tabu por médicos ortodoxos. Ainda mais, em tempos que cirurgiões antigos indicavam repouso absoluto para problemas articulares. A evolução do conhecimento em cinemática articular, somado a estruturação de centros para formação profissional, trouxe à tona este recurso para disfunções articulares (HERTLING; KESSLER, 2009). Comprovações científicas foram aparecendo para respaldar sua aplicabilidade, criou-se sistema de graduação de movimentos articulares acessórios, porém os efeitos neurofisiológicos são descritos por durarem apenas 24 horas (HEGEDUS et al., 2011). Publicações recentes sugerem melhora na disfunção da sacro-ilíaca e para dores crônicas do sistema musculoesquelético, mesmo quando mobilizações articulares são usadas de forma isolada (ALI; SETHI; NOOHU, 2019; SIPKO; PALUSZAK; SIUDY, 2018), porém as conclusões são baseadas em estudos de baixa qualidade metodológica, portanto, as afirmações devem ser analisadas com cautela (ABNER et al., 2020; NEJATI; SAFARCHERATI; KARIMI, 2019). No estado atual da arte, manobras articulares integram o processo de reabilitação e não devem ser entendidas como um tratamento resolutivo e isolado, sua prática deve ser associada a outras estratégias que o fisioterapeuta irá elaborar para uma abordagem completa do paciente (BALASUNDARAM; SREERAMA RAJAN, 2018; SHIH et al., 2018; WEERASEKARA et al., 2018).

Para romper a barreira da desconfiança, foram necessárias algumas décadas de estudos, chegando a elaborar critérios para então se aplicar mobilizações, manipulações articulares e comprovadamente obter um resultado satisfatório (CAI; PUA; LIM, 2009; CHILDS et al., 2003; DUARTE et al., 2019; STATHOPOULOS; DIMITRIADIS, 2019). O caminho para engrandecer o uso deste recurso terapêutico manual, é justamente estabelecer critérios baseados em evidências científicas, enriquecendo o raciocínio clínico. Dessa forma, a assertividade dos resultados iria enobrecer a técnica. Porém, infelizmente parece que este não foi o rumo enfatizado e houve uma banalização das mobilizações articulares. Isso trouxe novamente o questionamento da efetividade de tais técnicas, sendo atribuído que os benefícios poderiam estar associados ao efeito placebo do estalido (Crack ou pop-up) proporcionado pela manipulação articular e não pelo aspecto neurofisiológico (RUDDOCK et al., 2016; TAVARES et al., 2017). A manipulação lombar da Figura 1 foi largamente empregada em propagandas de cursos e promessas de atendimentos fisioterapêuticos inovadores.

Figura 1 - Manipulação lombar em decúbito lateral.



O crescente sucesso de sua propagação foi sustentado pela disseminação nas diferentes vias de mídia social. Hoje, bodybuilders, “musas fitness” e celebridades expõem seus atendimentos osteopáticos em canais de comunicação de grande visibilidade alegando enorme sucesso com sessões mensais, quando ainda se estuda um possível efeito placebo e apenas horas de ação neurofisiológica. Alguns profissionais acabaram vendo neste nicho uma forma de ganho, realizando cursos que na maioria das vezes foca no treino da técnica, mas pouco explica quando e por que aplicá-la. A esperança é que novas publicações de alta qualidade metodológica surjam, embasando os profissionais a utilizar as manipulações articulares em condições específicas e não pelo efeito de impressionismo aos pacientes. As manipulações articulares são datadas de início no século IV a. C. com Hipócrates, passou por conflitos entre “arrumadores de ossos” versus médicos, transpôs o conhecimento além da idéia de que todos os problemas são derivados de subluxações vertebrais, venceu o conceito de charlatão ou curandeiro e que não demore a ser aplicada de maneira criteriosa, após avaliação minuciosa, com medidas terapêuticas validadas, seguras e que garantam seus efeitos benéficos (HERTLING; KESSLER, 2009).

REFERÊNCIAS

- ABNER, T. DOS S. S. et al. Joint mobilization associated or not to other therapies reduces chronic musculoskeletal pain: a systematic review. *Brazilian Journal Of Pain*, v. 3, n. 1, p. 73-85, 2020.
- ALI, M. N.; SETHI, K.; NOOHU, M. M. Comparison of two mobilization techniques in management of chronic non-specific low back pain. *Journal of Bodywork and Movement Therapies*, v. 23, n. 4, p. 918-923, 2019.
- BALASUNDARAM, A. P.; SREERAMA RAJAN, S. Short-term effects of mobilisation with movement in patients with post-traumatic stiffness of the knee joint. *Journal of Bodywork and Movement Therapies*, v. 22, n. 2, p. 498-501, 2018.
- CAI, C.; PUA, Y. H.; LIM, K. C. A clinical prediction rule for classifying patients with low back pain who demonstrate short-term improvement with mechanical lumbar traction. *European Spine Journal*, v. 18, n. 4, p. 554-561, 2009.
- CHILDS, J. D. et al. Clinical decision making in the identification of patients likely to benefit from spinal manipulation: A traditional versus an evidence-based approach. *Journal of Orthopaedic and Sports Physical Therapy*, v. 33, n. 5, p. 259-272, 2003.
- DUARTE, F. C. K. et al. Spinal manipulation therapy improves tactile allodynia and peripheral nerve functionality and modulates blood oxidative stress markers in rats exposed to knee-joint immobilization. *Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics*, v. 42, n. 6, p. 385-398, 2019.
- HEGEDUS, E. J. et al. The neurophysiological effects of a single session of spinal joint mobilization: Does the effect last? *Journal of Manual and Manipulative Therapy*, v. 19, n. 3, p. 143-151, 2011.
- NEJATI, P.; SAFARCHERATI, A.; KARIMI, F. Effectiveness of exercise therapy and manipulation on sacroiliac joint dysfunction: A randomized controlled trial. *Pain Physician*, v. 22, n. 1, p. 53-61, 2019.
- RUDDOCK, J. K. et al. Spinal Manipulation Vs Sham Manipulation for Nonspecific Low Back Pain: A Systematic Review and Meta-analysis. *Journal of Chiropractic Medicine*, v. 15, n. 3, p. 165-183, 2016.
- SHIH, Y. F. et al. The effect of additional joint mobilization on neuromuscular performance in individuals with functional ankle instability. *Physical Therapy in Sport*, v. 30, p. 22-28, 2018.
- SIPKO, T.; PALUSZAK, A.; SIUDY, A. Effect of sacroiliac joint mobilization on the level of soft tissue pain threshold in asymptomatic women. *Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics*, v. 41, n. 3, p. 258-264, mar. 2018.
- STATHOPOULOS, N.; DIMITRIADIS, Z. Effectiveness of Mulligan 's mobilization with movement techniques on range of motion in peripheral joint pathologies: a systematic review with meta-analysis between 2008 and 2018. *Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics*, v. 42, n. 6, p. 439-449, 2019.
- TAVARES, F. A. G. et al. Immediate effects of joint mobilization compared to sham and control intervention for pain intensity and disability in chronic low back pain patients: randomized controlled clinical trial. *Revista Dor*, v. 18, n. 1, p. 2-7, 2017.
- WEERASEKARA, I. et al. Clinical benefits of joint mobilization on ankle sprains: A systematic review and meta-analysis. *Archives of Physical Medicine and Rehabilitation*, v. 99, n. 7, p. 1395- 1412.e5, 2018.